



“Autismo” e “autista”: um estudo lexicográfico

‘Autismo’ (‘autism’) and ‘autista’ (‘autist’): a lexicographical study

Aneilza de Carvalho FERREIRA*

Bruno MARONEZE**

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise da microestrutura dos verbetes “autismo” e “autista” em dicionários da Língua Portuguesa. Para tanto, foram utilizados cinco dicionários disponíveis *online*. A microestrutura das palavras-entrada “autismo” e “autista” foi analisada de forma descritiva e quantitativa, por meio de quadros comparativos, nos quais distribuímos as informações conforme registro nos dicionários. Pautamo-nos nos pressupostos teóricos de Biderman (2001), Garriga Escribano (2003), Medina Guerra (2003), Porto Dapena (2002), Welker (2004); bem como consideramos as contribuições advindas das produções científicas existentes no tocante ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi possível constatar que os verbetes “autismo” e “autista” em geral não apresentam suas definições conforme os conhecimentos mais recentes sobre o transtorno, bem como nem sempre mencionam a nomenclatura vigente “TEA”.

PALAVRAS-CHAVE: Microestrutura. Autismo. Autista. Lexicografia.

ABSTRACT: This article aims to present an analysis of the microstructure of the entries ‘autismo’ (‘autism’) and ‘autista’ (‘autist’) in Portuguese language dictionaries. For that, five online dictionaries were used. The microstructure of the entries ‘autismo’ and ‘autista’ were analyzed descriptively and quantitatively, using a comparative table, in which we distributed the information as recorded in the dictionaries. We are based on the theoretical assumptions of Biderman (2001), Garriga Escribano (2003), Medina Guerra (2003), Porto Dapena (2002), Welker (2004); as well as considering the contributions arising from existing scientific productions regarding Autism Spectrum Disorder (ASD – ‘TEA’ in Portuguese). It was possible to verify that the entries ‘autismo’ and ‘autista’ do not present their definitions according to the most recent knowledge about the disorder, as well as not always mentioning the current nomenclature ‘TEA’ (‘ASD’).

KEYWORDS: Microstructure. Autism. Autist. Lexicography.

Artigo recebido em: 07.12.2022

Artigo aprovado em: 16.03.2023

* Mestranda, UFMS. aneilzacarvalho@gmail.br

** Doutor, UFGD/UFMS. brunomaroneze@ufgd.edu.br

1 Introdução

No intuito de compreender a relação estabelecida entre léxico e lexicografia, deparamo-nos, primeiro, com a ciência da Lexicologia, que diz:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 07)

Sabe-se que, para entender a si mesmo, o mundo que o cerca e estabelecer a comunicação, o ser humano faz uso de unidades lexicais pertencentes ao léxico da própria língua. Conforme se dá essa utilização das unidades lexicais nos contextos reais de fala, novas acepções vão surgindo e se incorporando ao sistema funcional linguístico, uma vez que, de acordo com Biderman (1996, 2001, p. 13), “(...) O léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana” e “o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade”.

Dessa forma, para que se registrem as ditas mudanças linguísticas em relação ao léxico, e que se tenha registro das novas acepções das unidades lexicais, a ação da lexicografia se faz imprescindível.

Nessa perspectiva, o estudo apresentado tem por objetivo maior analisar a microestrutura das entradas “autismo” e “autista” em dicionários de língua geral

online. Os referidos verbetes, que servem como amostra para a análise, foram integralmente transcritos das obras lexicográficas previamente selecionadas.

Para atingir esse propósito, estabelecemos objetivos específicos, sendo: i) apresentar como estão estruturados os verbetes “autismo” e “autista” nos dicionários analisados; ii) descrever os aspectos encontrados na microestrutura dos verbetes “autismo” e “autista”, tais como etimologia, marcas de uso, definições, exemplos; iii) realizar a comparação dos verbetes nos dicionários analisados; iv) constatar se há ou não adequação das definições apresentadas, conforme nomenclatura oficial para o autismo; v) evidenciar a importância de registro adequado de verbetes que designam transtornos e/ou deficiências.

Quanto à fundamentação teórica deste artigo, tomamos como base os pressupostos teóricos e metodológicos da Lexicografia e postulados dos estudiosos: Biderman (2001), Garriga Escribano (2003), Medina Guerra (2003), Porto Dapena (2002), Welker (2004). Consideramos também as contribuições advindas das produções científicas existentes no tocante ao tema do Transtorno do Espectro Autista, doravante TEA.

Apresentamos, na sequência, nosso embasamento teórico, contextualização do TEA, os procedimentos metodológicos e a análise descritiva e quantitativa dos dicionários analisados em relação à temática proposta. Por fim, as considerações finais e as referências utilizadas neste trabalho.

2 Estudos do léxico: Lexicologia e Lexicografia

Ao longo da história, a língua sofreu transformações influenciadas pelas mudanças oriundas dos movimentos dos povos, por meio dos processos de colonização ou de dominação; com isso, surge também a necessidade de se registrarem as palavras da língua.

À medida que as comunidades humanas desenvolveram progressivamente seu conhecimento da realidade e tomaram posse do mundo circundante, o homem criou

as técnicas e depois as ciências (BIDERMAN, 2001, p. 15).

No âmbito dos estudos do léxico, pressupostos teóricos, conforme Porto Dapena (2002), apontam que “(...) a Lexicografia viria a ser, literalmente, ‘a descrição do léxico’, frente à Lexicologia, que, por outra parte, representaria ‘o estudo do léxico’”¹. Porto Dapena acrescenta que “ambas disciplinas possuiriam um objeto comum, o léxico, mas com foco em diferentes perspectivas”² (PORTO DAPENA, 2002, p. 16, tradução nossa).

Vendo por este ângulo, compreende-se que a Lexicologia assume uma perspectiva teórica em relação ao estudo do léxico, enquanto a Lexicografia assume uma perspectiva prática e aplicada. Segundo Pereira (2018, p. 30-32), essa concepção foi questionada por estudiosos da área, que por meados da década de 70 já preconizavam em seus postulados a Lexicografia como disciplina científica e a definem não somente pelo fazer dicionarístico, como também por seu componente teórico específico. Citamos a título de exemplo: Rey-Debove (1969), Fernandez-Sevilla (1974), Werner (1982), Biderman (1984), Wiegand (1984), entre outros.

Em conformidade com os estudiosos da lexicografia acima citados, constatamos que a Lexicologia se ocupa dos estudos quanto à descrição das unidades léxicas de uma língua, e a Lexicografia tem por objetivo estudar e registrar toda a vasta gama lexical que o homem produziu e produz ao longo de sua trajetória. Utilizam-se métodos e técnicas, compilam-se e organizam-se sistematicamente as unidades léxicas para a elaboração de um dicionário, vocabulário ou glossário. Em suma, teoricamente, a Lexicografia é definida como sendo a ciência responsável por estudar aspectos relativos ao modo como se organizam e se elaboram os dicionários, é a arte e a técnica de elaborar dicionários.

¹ (...) la lexicografía vendría a ser, literalmente, ‘la descripción del léxico’, frente a la lexicología, que, por otra parte, representaría ‘el tratado del léxico’ (PORTO DAPENA, 2002, p. 16).

² Ambas disciplinas poseerían un objeto común, el léxico, pero enfocado desde perspectivas diferentes (PORTO DAPENA, 2002, p. 16).

2.1 Do dicionário e de sua organização interna

O dicionário é produto de uma investigação lexicográfica ou terminográfica. Em se tratando do léxico geral, é uma prática bastante antiga. Os dicionários, segundo Biderman (1998, p. 129), “constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”.

O dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais. Em Biderman (2001, p. 17), “(...) o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna”.

Porto Dapena (2002) assinala uma distinção tipológica, em que se apresentam os “diccionarios lingüísticos y diccionarios no lingüísticos”, ou seja,

(...) os primeiros são os dicionários propriamente ditos, se ocupam do léxico de uma ou várias línguas, enquanto os segundos se interessam mais pelo estudo da realidade em si. Dito de outra forma, enquanto um dicionário linguístico estuda as palavras, um não linguístico se ocupa da realidade representada por estas³. (PORTO DAPENA, 2002, p. 43, tradução nossa)

Dessa forma, o dicionário linguístico deve trazer informações sobre o significado e o uso linguístico das palavras; cabe ao dicionário não-linguístico (por exemplo, dicionários enciclopédicos) trazer informações sobre os objetos da realidade propriamente dita.

Dentre a classificação tipológica dos dicionários, atentemo-nos para o dicionário geral, fonte do nosso *corpus* de pesquisa. Os dicionários monolíngues, ou gerais da língua, são aqueles escritos somente em uma língua, os quais possuem um grande número de palavras e que podem ser estendidos ou adaptados ao uso escolar.

³ (...) los primeros que son los diccionarios propriamente dichos, se preocupan por el léxico de una o varias lenguas, en tanto que los segundos se interesan más bien por él estudio de la realidad misma. Dicho de otra manera, mientras un diccionario lingüístico estudia las palabras, un no lingüístico se ocupa de la realidad representada por estas (PORTO DAPENA, 2002, p. 43).

É importante salientar que, para categorizar a variada tipologia de dicionários, três critérios fundamentais são levados em conta: o total de palavras-entradas, a finalidade e o público consulente para o qual se destina. Como afirma Biderman (1998, p. 129), um dicionário padrão, por exemplo, apresenta 50.000 palavras-entradas aproximadamente, podendo estender-se até 70.000 verbetes. Já um escolar tem em torno de 25.000 palavras-entrada, aproximadamente.

Para Welker (2004), “um dicionário geral é aquele que apresenta o tesouro lexical, ou seja, a totalidade dos lexemas de uma língua”. Os dicionários monolíngues tratam das unidades lexicais de uma língua, definindo-as, mostrando sinônimos e dando informações sobre a língua (fonéticas, gramaticais, sintáticas). As definições, nesse tipo de dicionário, são apresentadas na mesma língua da entrada e têm como proposta principal explicar aos falantes nativos diferentes significados. São considerados obras de referência.

2.2 Estrutura textual do dicionário

Os dicionários podem seguir um princípio lexicográfico ou terminográfico. No princípio lexicográfico, nosso foco, o dicionário é guiado sob a perspectiva geral da língua; por esse motivo, as unidades lexicais são chamadas palavras e apresentadas em ordem alfabética.

Conforme Biderman (2001, p. 18), “um dicionário é constituído de entradas lexicais, ou lemas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um referente do universo extralinguístico”.

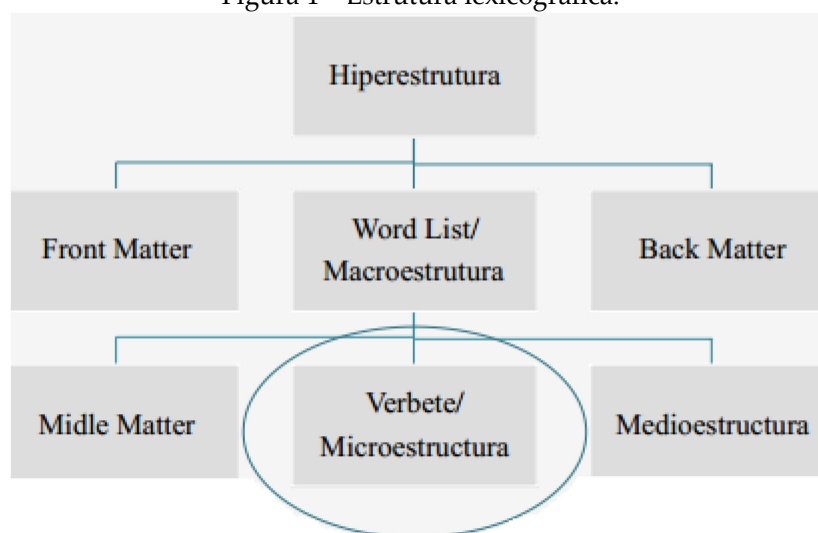
De acordo com Welker (2004), em relação à estrutura, o dicionário pode apresentar diversos elementos, como prefácio, introdução, lista de abreviaturas etc. (denominadas genericamente pelo autor como *textos externos* – WELKER, 2004, p. 78-9), para além de seus dois eixos essenciais nos quais se organiza: o da macroestrutura e o da microestrutura.

O conjunto dos textos externos (tanto iniciais – apresentação, prólogo,

introdução, instruções de uso do dicionário, listas e abreviaturas etc. – como finais – anexos, tabelas, bibliografia etc.), juntamente com o “corpo” do dicionário propriamente dito, podem receber o nome de *megaestrutura* (WELKER, 2004, p. 79) ou também *hiperestrutura* (RODRIGUES-PEREIRA, 2020, p. 143), entre outros nomes, conforme os autores. A disposição dos elementos tende a variar de dicionário para dicionário.

A macroestrutura, por sua vez, é entendida como um conjunto de entradas organizadas verticalmente (WELKER, 2004, pp. 80-1). É dentro da macroestrutura que se apresentam as microestruturas, denominadas de verbetes. Tendo por objetivo primordial a análise da microestrutura das palavras-entrada “autismo” e “autista”, ilustramos, por meio da Figura 1, a estrutura lexicográfica, onde esta se encontra.

Figura 1 – Estrutura lexicográfica.



Fonte: Rodrigues-Pereira (2020, p. 143).

Destarte, conforme Rodrigues-Pereira (2020, p. 146), “essa parte da estrutura lexicográfica resulta no verbete como unidade de estruturação do conteúdo léxico e na descrição linguística, na disposição e na separação das acepções (...)”. Em síntese, a microestrutura se refere à organização interna dos verbetes, é o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada, estrutura horizontal que pode conter diversos tipos de informações.

Sobre o verbete, Garriga Escibano (2003, p. 105) nos diz que: “O verbete, pois, define-se como a ‘menor unidade autônoma em que se organiza o dicionário’”.⁴ E essa unidade pode oferecer informações sobre variados aspectos, segundo o tipo de dicionário.

Em relação aos tipos de informações, Zavaglia (2012) apresenta que essas são:

(i) grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão, etimologia, marcas de uso; (ii) informações explicativas, ou seja, a definição do lema; (iii) uso do lema, ou seja, a sua contextualização ou ilustração, construção e colocação, expressões idiomáticas, provérbios; (iv) sinônimos, antônimos, parônimos; (v) informações semânticas sobre metáforas; (vi) informações sobre remissivas. Pode conter ainda, dependendo do objetivo do dicionário: ilustrações, gráficos, símbolos. O fato é que o lexicógrafo pode inserir qualquer tipo de informação em sua microestrutura, (...). (ZAVAGLIA, 2020, p. 253).

Em relação aos variados aspectos, conforme nosso objeto de pesquisa para o presente artigo, explicitamos, de forma sucinta e com respaldo nos pressupostos de Garriga Escibano (2003), a etimologia, as marcas de uso, a definição e os exemplos.

No tocante à informação etimológica que costuma aparecer nos dicionários, nem todas as palavras-entradas apresentam essa informação. Garriga Escibano (2003, p. 109) sugere que este tipo de informação não deve ser registrado em um dicionário de uso quando de sua incerteza de origem ou informações não tão claras. Contudo, o conhecimento da etimologia de uma palavra estabelece uma relação mais íntima entre o usuário e a palavra pesquisada.

Com base em Garriga Escibano (2003, p. 116), entendemos as marcas de uso como sendo um meio pelo qual o consulente passa a conhecer as possíveis restrições de uso de uma palavra. As marcas são classificadas em diacrônicas (também chamadas de cronológicas, por sinalizar a vigência de uso de uma palavra), diatópicas (que sinalizam o local onde se faz uso de determinado termo), diafásicas e diastráticas (que

⁴ El artículo lexicográfico, pues, se define como «la unidad mínima autónoma en que se organiza el diccionario». (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 105)

se referem à restrição do uso quanto ao estilo, níveis sociais e de língua) e diatécnicas (utilizadas para identificar os tecnicismos próprios das ciências, artes e técnicas frente ao léxico geral).

Outro componente da microestrutura, que corresponde à parte essencial do verbete, é a definição. É na definição onde se engloba toda informação sobre o conteúdo da palavra-entrada. Nessa, são apresentadas informações sobre o significado do signo. Para Medina Guerra (2003, p. 129), a definição é considerada a parte mais importante: “el principio y el fin del diccionario”. A autora também define como “a expressão do significado da unidade lexical que forma a entrada com a ajuda de palavras, locuções ou sintagmas conhecidos”⁵ (tradução nossa).

Medina Guerra (2003, p. 133) formulou normas que as definições devem cumprir: “1) A unidade léxica definida não deve aparecer na definição. 2) A definição não deve transparecer nenhuma ideologia. 3) A definição tem que apresentar características da língua de sua época e a palavras usadas para a codificação devem ser simples, claras e precisas ao mesmo tempo”⁶ (tradução nossa).

No tocante aos exemplos, estes objetivam facilitar a compreensão da definição, e podem ser reais ou inventados. No entanto, segundo Garriga Escribano (2003, p. 120-122) ambas as opções têm suas vantagens e desvantagens:

(...) os exemplos reais são mais objetivos, sinalizam melhor o uso culto da língua e, por fim, podem resultar incompreensíveis para o usuário e também pouco didáticos. [...] A função dos exemplos, além de intermediar a informação gramatical, semântica ou pragmática, é “servir de veículo para a transmissão indireta de dados culturais e sociais”. Os exemplos costumam aparecer ao final do verbete, geralmente escritos em itálico para se diferenciar das demais informações. Podem ser frases completas ou estruturas menores que a

⁵ la expresión del significado de la unidad léxica que forma la entrada con la ayuda de voces, locuciones o sintagmas conocidos (MEDINA GUERRA, 2003, p. 129)

⁶ 1) La unidad léxica definida no debe figurar en la definición. 2) La definición no debe traslucir ninguna ideología. 3) La definición debe participar de las características de la lengua de su época y las palabras con que se codifique han de ser sencillas a la vez que claras y precisas.

frase⁷. (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p.120 -122)

Portanto, entendemos a microestrutura como um conjunto de informações indispensável para uma obra lexicográfica.

Assim sendo, a partir dos postulados dos estudiosos dos estudos do léxico, compreendemos a importância da iniciativa do homem em registrar, cada vez mais, de forma coerente, concisa e completa, o tesouro de sua língua.

Vemos também que, embora existam inúmeras fontes de informações sobre o autismo com publicações variadas (de artigos a teses, livros, revistas e *sites* especializados, páginas nas redes sociais, tanto pessoais como das instituições que atendem a esse público), este estudo se atenta na necessidade de se ter a informação mais precisa e de forma clara nos registros dos dicionários quanto ao significado e demais dados sobre as lexias “autismo” e “autista”.

O dicionário, por se configurar, por natureza, fonte indubitável e segura de informação, assume, indiretamente, papel como agente defensor e promotor da pessoa com deficiência junto à sociedade. Dessa forma, apresentamos a seguir algumas considerações sobre o Transtorno do Espectro Autista.

3 Contextualizando o TEA

O autismo ao longo dos anos tem sido permeado por polêmicas quanto a sua etiologia. Alertamos que não nos ateremos no assunto para além de sua definição e conceito, que são de suma importância para compreensão do TEA e suas peculiaridades.

⁷ Mientras tanto, los ejemplos reales salen más objetivos, más bien señalan el uso culto de la lengua y, en fin, pueden resultar incomprensibles para el usuario y resultan poco didácticos. La función de ejemplos, al lado de intermediar la información gramatical, semántica o pragmática, es «servir de vehículo para la transmisión indirecta de datos culturales y sociales». Los ejemplos suelen aparecer al final del artículo lexicográfico, generalmente escritos en cursiva para diferenciarse del resto de las informaciones aportadas. Pueden ser frases completas o también estructuras inferiores a la frase (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 120-122).

O termo “autismo”, segundo Cunha (1982) e Evans (2013), foi empregado pela primeira vez no idioma alemão (*Autismus*), em 1911, criado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, para designar um sintoma da esquizofrenia (conceito também criado por Bleuler). Desde então, o conceito de “autismo” vem sendo transformado ao longo do tempo, à medida que aumenta a compreensão sobre as doenças e condições mentais.

De acordo com Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008), o psiquiatra austríaco Leo Kanner, radicado nos Estados Unidos, denominou o Autismo Infantil, em 1943, como sendo Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, como uma condição com características comportamentais bastante específicas, tais como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino.

As descrições de Kanner foram rapidamente absorvidas pela comunidade científica. Entretanto, as definições, ao longo do tempo, não foram, de todo, esclarecedoras. Ressaltamos que informações precisas sobre o autismo, mesmo que parciais, fazem com que muitas famílias encarem o diagnóstico com mais positividade. Dessa forma, o dicionário, por ser visto como obra de referência, surge como uma fonte de consulta para familiares e pessoas no TEA. Ainda que não seja a função do dicionário de língua trazer informações sobre o fenômeno do autismo em si mesmo (essa seria a função das enciclopédias e dos dicionários enciclopédicos), é muito importante que não incorra em inverdades nas suas definições.

Servimo-nos, a título de exemplificação, de um conceito sobre o autismo, apresentado por Francisco Paiva Junior, editor chefe da Revista *Autismo*, primeira revista da América Latina, em língua portuguesa, especializada nos assuntos do Transtorno do Espectro Autista:

O autismo — nome técnico oficial: Transtorno do Espectro Autista (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de comprometimento — há desde pessoas com outras doenças e condições associadas (comorbidades), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, com vida comum, algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico. (PAIVA JUNIOR, 2019)

Para contrastar, convém observar a definição a seguir, registrada em um dicionário da língua portuguesa, disponível online, em que as informações não estão apresentadas de forma clara a um consulente leigo.

substantivo masculino PSIQ. polarização privilegiada do mundo dos pensamentos, das representações e sentimentos pessoais, com perda, em maior ou menor grau, da relação com os dados e exigências do mundo circundante. (HOUAISS; VILLAR, s/d, acesso em 2021)

É no dicionário geral da língua que fica clara a necessidade do consulente de procurar as palavras pouco frequentes, pois as mais usadas são identificadas pelo contexto e reconhecidas com facilidade.

Atualmente, a nomenclatura e definição mais aceita e difundida no âmbito acadêmico e científico é a de “Transtornos do Espectro Autista” (TEA), definição encontrada no manual de doenças DSM-V de 2013⁸, que trouxe muitas modificações na organização do diagnóstico do autismo.

De acordo com Coutinho *et al.* (2013), a principal dessas modificações foi a eliminação das categorias “Autismo”, “síndrome de Asperger”, “Transtorno Desintegrativo” e “Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação”,

⁸ De acordo com a publicação de 2013 do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM-V), coordenado pela *American Psychiatric Association* (APA), com tradução para a Língua Portuguesa em 2014, os grupos de estudos optaram pela utilização da nomenclatura de Transtorno do Espectro Autista, definida sigla TEA. Atualmente o DSM conta com 300 (trezentas) categorias de diagnósticos, três vezes mais do que em sua primeira publicação em 1952.

passando a existir apenas uma denominação: “Transtornos do Espectro Autista”. Segundo o DSM-V, o Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do desenvolvimento neurológico.

Como o foco desta pesquisa envolve o tema do autismo, as observações recaem para as características apontadas no DSM para este transtorno em específico. Elas foram enumeradas como forma de observação de alguns sinais de alerta: o comprometimento qualitativo da interação social, o comprometimento qualitativo na comunicação, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades com extrema rotina, linguagem idiossincrática e ausência de jogos imaginativos.

Conforme divulgação oficial do relatório de estudos do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC⁹) do governo dos Estados Unidos, em 04 de dezembro de 2021, e matéria publicada na revista *Autismo e Realidade*¹⁰, redigida pela médica pesquisadora na área do TEA, pediatra Bárbara Bertaglia, em 04 de fevereiro de 2022, os dados referentes a 2018 mostram que 1 a cada 44 crianças, aos 8 anos de idade, é diagnosticada autista.

Entretanto, estimativa recente com base nos dados da *National Health Interview Survey* (pesquisa realizada anualmente pelo CDC), divulgada pelo *JAMA NetWork/ Jama Pediatric* e difundida no Brasil pelo Canal Autismo/ Revista Autismo, em 12 de Julho de 2022, matéria do redator chefe Francisco Paiva Junior, estatísticas apontam que a incidência do transtorno é maior em sujeitos do sexo masculino, e que a proporção atual é de 3,5 meninos afetados para cada menina. Esses dados recentes informam que a cada 34 pessoas, na faixa etária de 3 a 17 anos, nos Estados Unidos, 1

⁹ O Centro de Controle e Prevenção de Doenças, é uma agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, sediada na Geórgia, conduz pesquisas e fornece informações de saúde em diversas áreas. O CDC tem rastreado o número e as características de crianças autistas há mais de duas décadas. As pesquisas são divulgadas a cada dois anos.

¹⁰ Instituição formada em 2010 como uma associação de pais e profissionais de saúde, o site *Autismo e Realidade* tem como propósito difundir conhecimento sobre os Transtornos do Espectro Autista (TEA).

apresenta autismo. O Brasil usa os estudos do centro como base por não ter pesquisas ainda concretas sobre a prevalência do transtorno no país.

Visto que evoluímos enquanto sociedade civilizada, apesar de serem necessários, ainda, muitos esforços para a concretização de determinados princípios orientadores, as variadas questões relativas ao autismo, como o estudo da sua etiologia, da psicopatologia, das terapias, do processo de ensino e aprendizagem, dos direitos, entre outros, nem sempre foram vistas de um mesmo modo ao longo do desenvolvimento das diversas ciências. Na área da Linguística, são ainda poucos os estudos – e de certa forma recentes – que se destinam à temática do autismo.

No entanto, mesmo que lentamente, nota-se uma humanização significativa das atitudes da sociedade face à pessoa com deficiência. E estudos sobre essa temática, em diversas áreas do conhecimento, começam a surgir como promissores e profícuos.

4 Metodologia

Para atingir o objetivo do presente estudo, selecionamos obras lexicográficas da Língua Portuguesa em plataforma virtual e de acesso *online*, visto que, no mundo contemporâneo, o advento da internet e de novas tecnologias propicia a busca, a aquisição e a troca de informações em questões de segundos, bem como disponibiliza os recursos abrangentes para a busca de informações, por meio de consulta facilitada e imediato acesso aos verbetes alvos da pesquisa.

Procedemos primeiramente com a seleção do *corpus* nos dicionários de uso geral da Língua Portuguesa, disponíveis gratuitamente *online* ou por assinatura. Elencamos: Dicionário Caldas Aulete (doravante Aulete); Dicionário Dicio.com (Dicio.com); Dicionário Houaiss (Houaiss); Dicionário Michaelis (Michaelis); e, Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (Priberam).

Após seleção do *corpus* foi feita a compilação dos verbetes e a sua organização em quadro comparativo, sendo analisadas as informações: etimologia, marcas de uso,

definição e exemplos. Na sequência, passamos à análise descritiva das informações encontradas na microestrutura, fundamentada nos referenciais teóricos.

5 Apresentação e análise dos dados obtidos

A discussão dos dados tem início pela análise descritiva e, em seguida, quantitativa. Foram analisadas, de sua forma original, as informações obtidas nos cinco dicionários *online*.

Apresentamos agora os quadros comparativos com base nas informações constantes em cada uma das entradas, conforme os respectivos dicionários de onde foram retiradas e de acordo com o propósito de análise.

Quadro 1 – Comparativo do verbete “autismo” nos dicionários analisados.

Dicionário	Etimologia	Marcas de uso	Definição	Exemplo
Aulete	---	Psic.	Estado mental patológico que leva a pessoa a fechar-se em seu próprio mundo, alheando-se, em grande medida, do mundo exterior	---
Dicio.com	Do francês <i>autisme</i>	---	1. Transtorno global do desenvolvimento, caracterizado por alterações no desenvolvimento neurológico, pela dificuldade de socialização, de comunicação verbal e/ou do uso da linguagem.	1. Segundo especialistas, os meninos correm de três a quatro vezes mais riscos de sofrer de autismo do que as meninas. <i>Folha de S.Paulo</i> , 03/10/2011 2. Um artigo do grupo de trabalho de autismo do DSM-5 mostrou que, na verdade, essa constatação não tinha amparo. <i>Folha de S.Paulo</i> , 07/01/2013 3. Seus advogados lembram que a síndrome de Asperger é uma forma

				de autismo que, em algumas ocasiões, deriva em comportamento obsessivo. <i>Folha de S.Paulo</i> , 03/07/2009
Houaiss	fr. <i>autisme</i> (1923); emprt. ao al. <i>Autismus</i> (1911); der. do gr. <i>autós</i> no sentido de 'de si mesmo'; cf. ing. <i>autism</i> (1912)	(1935 cf. O Globo 28 jan.) psiq	polarização privilegiada do mundo dos pensamentos, das representações e sentimentos pessoais, com perda, em maior ou menor grau, da relação com os dados e exigências do mundo circundante	---
Michaelis	der do gr <i>autós+ismo</i> , como fr <i>autisme</i>	MED, PSICOL	Psicopatologia caracterizada pelo recolhimento e absorção do indivíduo em seu universo privilegiado de pensamentos, sentimentos e devaneios subjetivos, com o conseqüente alheamento do mundo exterior e a perda do contato com a realidade a seu redor.	---
Priberam	(auto- + -ismo)	[Medicina]; [Depreciativo]	1. Perturbação do desenvolvimento do sistema nervoso, que se manifesta na infância geralmente por dificuldades de interação social e de comunicação e por padrões repetitivos, estereotipados ou restritos de comportamento e de pensamento.	

			2. Ausência de interesse pelo que é exterior	(ex.: autismo governamental)
--	--	--	--	------------------------------

Fonte: elaborado pelos autores.

Quadro 2 – Comparativo do verbete “autista” nos dicionários analisados.

Dicionário	Etimologia	Marcas de uso	Definição	Exemplo
Aulete	---	---	1. Que sofre de autismo 2. Pessoa que sofre de autismo	---
Dicio.com	A palavra autista deriva da junção de autismo, do francês "autisme", e do sufixo -ista	---	1. Pessoa que está no espectro autista, que demonstra várias e distintas síndromes associadas ao autismo, ao transtorno do Espectro Autista (TEA), relacionadas com perturbações ou alterações do desenvolvimento neurológico, dificuldade de comunicação ou de socialização. 2. Que está no espectro autista: pessoa autista, criança autista.	1. Um novo concerto escrito especialmente para um pianista cego e autista estreia nesta semana em Londres. <i>Folha de S.Paulo</i> , 29/09/2011 2. Travolta contou à Suprema Corte das Bahamas que seu filho era autista e sofria de crises convulsivas, que o acometiam a cada cinco ou dez dias e duravam entre 45 segundos e alguns minutos. <i>Folha de S.Paulo</i> , 23/09/2009 3. Jett era autista e sofria frequentes convulsões, disse Travolta no depoimento anterior. <i>Folha de S.Paulo</i> , 01/10/2009
Houaiss	autismo + -ista	(1942 cf. PD3) psiq	que ou quem sofre de autismo	---
Michaelis	<i>der do gr autós+ista, como fr autiste.</i>	MED, PSICOL Psicologia	Que ou aquele que apresenta sintomas de autismo	---
Priberam	(auto-, automóvel + -ista); (auto-, próprio + -ista)	---	1. [Pouco usado] Pessoa que guia um automóvel. = MOTORISTA 2. Relativo a autismo adjetivo de dois gêneros e	(ex.: perturbação autista; transtornos do espectro autista).

			substantivo de dois gêneros 3. Que ou quem manifesta perturbações ou alterações associadas ao autismo.	
--	--	--	---	--

Fonte: elaborado pelos autores.

Discorreremos, a partir de agora, sobre as constatações.

Entre os cinco dicionários analisados e com base nas informações dispostas nos quadros comparativos, quatro apresentaram informações quanto à etimologia dos verbetes “autismo” e “autista”: Dicio.com, Houaiss, Michaelis e Priberam. Nestes são feitas referências ao grego (*autós* - no sentido de ‘de si mesmo’ + *ismo*), ao alemão (*Autismus*), ao francês (*autisme*), ao inglês (*autism*) e à língua portuguesa (*auto-* + *-ismo*) como fontes de origem da palavra “autismo”. Da entrada “autista” temos: junção de autismo, do francês *autisme* e do sufixo *-ista*, bem como *autiste*; autismo + *-ista*; derivação do grego *autós+ista*; derivação da língua portuguesa *auto-*, *automóvel* + *-ista* e *auto-* no sentido de próprio + *-ista*. Observamos que não há total concordância entre os dicionários em relação à apresentação da etimologia.

Quanto às marcas de uso, quatro apresentaram marca no verbe “autismo” e dois no “autista”. As marcas apresentadas são diatécnicas (fazendo referência a áreas de especialidades ao identificar os tecnicismos em meio ao léxico geral) e uma delas é diastrática (indicando que uma das acepções é depreciativa), além da indicação de datação (presente no Houaiss), que consideramos aqui uma marca de uso de natureza diacrônica. Na palavra-entrada “autismo”, diacronicamente, foi registrado o ano de 1935, e para “autista” a datação de 1942, ambas informações no dicionário Houaiss. As marcas diatécnicas para os verbetes foram apresentadas em quatro dicionários para “autismo” e em dois para “autista”. Constatou-se que são da área da medicina — grafada [Medicina] e (MED) —, da psiquiatria — (Psiq.) e psiq. —, e da psicologia —

PSICOL —; por economia, muitas vezes as marcas aparecem abreviadas e sua inclusão no verbete é decisão do autor do dicionário.

A respeito da definição, está presente em todos os verbetes dos cinco dicionários analisados. No entanto, é possível perceber que algumas definições apresentam inadequações em relação ao conceito atual de “autismo”. Observem-se as seguintes definições: “Estado mental patológico que leva a pessoa a fechar-se em seu próprio mundo, alheando-se, em grande medida, do mundo exterior.” e “Ausência de interesse pelo que é exterior.” (Dicionários Aulete e Priberam, grifos nossos).

Essas definições apresentam um dos mitos comuns sobre o autismo, que é o de que pessoas autistas vivem em “seu mundo próprio”, interagindo com o ambiente que “criam”. Na verdade, se, por exemplo, uma criança autista fica isolada em seu canto observando as outras brincarem, não é porque ela necessariamente tem “ausência de interesse” no ato de brincar ou porque “vive em seu mundo”, mas por ter dificuldade em iniciar, manter e terminar adequadamente uma interação, haja vista os comprometimentos cognitivos, comportamentais e de comunicação das pessoas com TEA, já mencionados na seção 3 deste artigo.

Na definição do Dicio.com, verificamos a presença de termos que estão diretamente relacionados ao prejuízo cognitivo, da comunicação e do comportamento do autista: “perturbações ou alterações do desenvolvimento neurológico, dificuldade de comunicação ou de socialização” (Dicio.com). Novamente, trata-se de uma inadequação, visto que o aspecto comportamental e de comunicação do autista é variável, conforme também é, em menor ou maior grau, o comprometimento cognitivo.

Também nos chama a atenção a acepção apresentada para a unidade léxica “autista” no dicionário Priberam da Língua Portuguesa, em que autista é “[Pouco usado] Pessoa que guia um automóvel. = MOTORISTA”. Notamos que não há nenhuma referência de datação e ou exemplo que ilustrem o uso da palavra “autista” como “motorista”. A indicação “[Pouco usado]” na entrada do verbete nos faz indagar sobre a questão do desuso, bem como se o termo é pertencente a um grupo específico,

o que nos leva à necessidade de um estudo mais aprofundado quanto à diacronia de “autismo” e “autista”.

Por outro lado, um aspecto relevante é o registro da nomenclatura do transtorno — TEA — no dicionário Dicio.com, o único a apresentá-la: “Pessoa que está no espectro autista, que demonstra várias e distintas síndromes associadas ao autismo, ao transtorno do Espectro Autista (TEA)”; esse é um dado que evidencia a atenção que se deve ter com a atualização dos dicionários. Conforme já apresentamos, atualmente, a nomenclatura e a definição mais aceita e difundida no âmbito acadêmico e científico é a do TEA. A referida definição se encontra no Manual de Doenças e Transtornos Mentais (DSM-V) desde 2013.

Em relação aos exemplos, dos cinco dicionários analisados, somente dois exemplificam as respectivas palavras-entrada: o Dicio.com (que traz exemplos extraídos de *corpus* autêntico para ambas as unidades lexicais) e o Priberam (que exemplifica apenas com sintagmas).

Em um dicionário, os exemplos, tanto autênticos quanto adaptados, assumem caráter esclarecedor e são valiosos para a compreensão. Muitas vezes, o que aparece de uma forma abstrata num dicionário é caracterizado pelos exemplos, que servem também para mostrar como uma palavra pode ser usada. Sabe-se que, por razões econômicas, faltam exemplos na maioria dos dicionários.

O dicionário Priberam registra os sintagmas “perturbação autista; transtornos do espectro autista” como exemplos do verbete “autista”, além da expressão “autismo governamental” para a acepção “ausência de interesse pelo que é exterior” no verbete “autismo”. Esse dicionário é o único que registra essa acepção, que é de fato existente na língua, e a marca corretamente como depreciativa.

Essa acepção decorre da falta de esclarecimento sobre o TEA, visto que características erroneamente atribuídas ao transtorno são extrapoladas para outras esferas e grupos sociais. É possível que esse uso seja relativamente antigo e decorrente de concepções defasadas em relação ao TEA, mas as pessoas envolvidas com a causa autista (em especial os familiares) consideram-no pejorativo e que deve ser combatido.

Para Tomasini (2012, p. 111) “as normas sociais são produto da ação dos seres humanos em situações construídas historicamente”. Nesse sentido a norma também regula e define os indivíduos pelas semelhanças, e segundo a referida autora “tudo e todos que não se encaixam no padrão social estabelecido são diferenciados (...)” (TOMASINI, 2012, p. 114).

A autora contribui para as reflexões no sentido de alertar-nos sobre os nossos olhares frente às diferenças. Cada pessoa deve ser vista na sua singularidade e não pelas definições que lhe são atribuídas da sua condição física e/ou biológica. Hoje, pessoas com autismo transitam por vários contextos socioculturais; dessa forma, é fundamental tomar contato com esta realidade tão peculiar que caracteriza o TEA. Dessa forma, vemos que os dicionários de língua, por serem considerados obras de referência, precisam buscar sempre a contínua atualização, para que propaguem informações autênticas e adequadas.

6 Considerações finais

Partimos da seguinte indagação: Qual o significado de “autismo” e “autista” no dicionário? Com a observação dos dados, pudemos perceber que, apesar de haver muitos estudos recentes sobre o TEA, algumas definições presentes nos dicionários não estão claras e ainda perpetuam concepções ultrapassadas.

É importante deixar claro que não se espera de um dicionário de língua que traga informações detalhadas sobre o TEA, sua sintomatologia, seu tratamento etc. Isso seria esperado de dicionários enciclopédicos, enciclopédias, tratados médicos. O que se espera de um dicionário de língua é que descreva o significado da unidade lexical de forma clara e sem inadequações. No caso específico dos verbetes “autismo” e “autista”, as inadequações que apontamos estão diretamente relacionadas a concepções ultrapassadas, evidenciando a necessidade de contínua atualização.

Assim, ficou evidente a dificuldade com que muitas vezes se deparam os familiares e as pessoas com TEA (bem como os consulentes em geral) em encontrar

fontes de informações confiáveis a respeito dos conceitos de “autismo” e “autista”. É mister evidenciar a importância das adequações nas definições dos verbetes que designam transtornos e/ou deficiências, para, assim, promover uma maior compreensão delas por parte da sociedade e evitar estereótipos e estigmatização dos indivíduos.

Pesquisas futuras, a ser realizadas em dicionários impressos e em corpus diacrônicos (inclusive terminológicos), poderão evidenciar as mudanças pelas quais passou o entendimento do conceito de “autismo” em português e, assim, auxiliar a entender também o surgimento dos empregos depreciativos e pejorativos dessas unidades lexicais. Acreditamos que os dicionários de língua não devem se furtrar a registrar as acepções pejorativas, mas devem marcá-las com as rubricas adequadas e, se possível, deixar claro que esses empregos devem ser evitados.

Por fim, esperamos que esta pesquisa e os dados obtidos possam se somar a outras já realizadas e até mesmo incitar tantas outras mais sobre a temática, e que contribua para os estudos lexicográficos, em específico com olhar mais atento às acepções de lemas designativos de transtornos e/ou deficiências e tudo o que possa abranger as informações acerca deles no dicionário.

Referências

BERTAGLIA, B. Uma a cada 44 crianças é autista. **Autismo e Realidade**. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2022/02/04/uma-a-cada-44-criancas-e-autista-segundo-cdc>. Acesso em : 15 jul. 2022.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da Lexicografia. *In*: BIDERMAN, M. T. C. *Lexicologia e Lexicografia*. Alfa, 28 (Suplemento), p. 1-26, 1984.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. *In*: Oliveira, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N (ed.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Vol. I. Campo Grande: UFMS, 1998. p. 129-142.

BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários**: uma introdução à Lexicografia. São Paulo: UNESP, 2003.

COUTINHO, A. A. *et al.* Do DSM-I ao DSM-5: efeitos do diagnóstico psiquiátrico “espectro autista” sobre pais e crianças. **Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública**. 2013. Disponível em: <http://psicanaliseautismoesaudepublica.wordpress.com/2013/04/11/do-dsm-i-ao-dsm-5-efeitos-do-diagnostico-psiquiatrico-espectro-autista-sobre-pais-e-criancas>. Acesso em: 06 jun. 2021.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

EVANS, B. How autism became autism. The radical transformation of a central concept of child development in Britain. **History of the Human Sciences**, vol. 26, n. 3, 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3757918>. Acesso em: 15 jul. 2022. DOI <https://doi.org/10.1177/0952695113484320>

FERNANDEZ-SEVILLA, J. **Problemas de lexicografía actual**. Bogotá: Instituto Caro e Cuervo, 1974.

GARRIGA ESCRIBANO, C. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. MEDINA GUERRA, Antonia, M. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003. p. 103-126.

MEDINA GUERRA, A. M. La microestructura del diccionario: la definición. *In*: MEDINA GUERRA, A. M. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003. p. 127-146.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.

PAIVA JUNIOR, F. O que é o autismo? **Canal Autismo**, vol. V, n. 04, março/abril/maio 2019. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/o-que-e-autismo>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PAIVA JUNIOR, F. Novo estudo indica prevalência: 1 em cada 30 crianças nos EUA é autista. **Canal Autismo**, 2022. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/novo-estudo-indica-prevalencia-1-em-cada-30-criancas-nos-eua-e-autista>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PEREIRA, R. R. **O dicionário pedagógico e a homonímia**: em busca de parâmetros didáticos. 2018b, p. 209. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista (Unesp). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/153693>. Acesso em: 30 set. 2022.

PORTO DAPENA, J.-A. Lexicografía y Diccionario. *In*: PORTO DAPENA, J.-A. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: ARCO/LIBROS, S. A., 2002. p. 15-41.

PORTO DAPENA, J.-A. Tipos de diccionarios. *In*: PORTO DAPENA, J.-A. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: ARCO/LIBROS, S. A., 2002.

REY-DEBOVE, J. Le dictionnaire comme discours sur la chose et discours sur le signe. **Semiotica**, v. 1-2. p. 185-195, 1969. DOI <https://doi.org/10.1515/semi.1969.1.2.185>

RODRIGUES-PEREIRA, R. Parâmetros para a organização lexicográfica de formas homônimas homófonas não homógrafas destinadas a dicionários pedagógicos. *In*: RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. S. S. (org.). **Estudos em lexicografia**: aspectos teóricos e práticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 137-159.

TAMANAHÁ, A. C.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.**, São Paulo, v. 13, n. 3, 2008. Acesso em: 15 jul. 2022. DOI <https://doi.org/10.1590/S1516-80342008000300015>

TOMASINI, M. E. A. Expatriação Social e a segregação institucional da diferença: Reflexões. *In*: BIANCHETTI, L.; FREIRE, I. M. **Um olhar sobre a diferença**: Interação, trabalho e cidadania. 12. ed. Campinas: Papirus, 2012. Cap. 3, p. 111-34.

WELKER, H. A. **Dicionários**: Uma pequena introdução à Lexicografia. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, R. Léxico y teoría general del lenguaje. *In*: HAENSCH, G. *et al.* **La Lexicografía**. De la Lingüística teórica a la Lexicografía práctica. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p. 20-94.

WIEGAND, H. E. **On the structure and contents of a general theory of lexicography**. 1984. Disponível em: [https://euralex.org/elx_proceedings/Euralex1983/007_Herbert%20E.%20Wiegand%20\(Heidelberg\)%20-%20On%20the%20structure%20and%20contents%20of%20a%20general%20theory%20of%20lexico.pdf](https://euralex.org/elx_proceedings/Euralex1983/007_Herbert%20E.%20Wiegand%20(Heidelberg)%20-%20On%20the%20structure%20and%20contents%20of%20a%20general%20theory%20of%20lexico.pdf). Acesso em: 16 nov. 2022.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia *In*: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1. p. 163-177.

Dicionários analisados

AULETE, F. C. **Aulete Digital**. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Lexikon Editora digital, 2021. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2023.

DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 06 de jul. 2021.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, online**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#2. Acesso em: 06 jul. 2021.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 06 jul. 2021.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 06 jul. 2021.